



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

TERESA DOMINGOS GOMES

**VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA AS VENDEDORAS AMBULANTES (*ZUNGUEIRAS*)
EM LUANDA-ANGOLA**

ACARAPE

2023

TERESA DOMINGOS GOMES

**VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA AS VENDEDORAS AMBULANTES (*ZUNGUEIRAS*)
EM LUANDA-ANGOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de monografia apresentado ao Curso de licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gomes, Teresa Domingos.

G633v

Violência policial contra as vendedoras ambulantes Zungueiras em
Luanda-Angola / Teresa Domingos Gomes. - Redenção, 2023.
48f: il.

Monografia - Curso de Sociologia, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

1. Violência policial. 2. Zungueira. 3. Luanda. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 363.232

TERMO DE APROVAÇÃO

TERESA DOMINGOS GOMES

VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA AS VENDEDORAS AMBULANTES (ZUNGUEIRAS) EM LUANDA-ANGOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em formato de monografia do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para à obtenção do grau de licenciado em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador Prof. Carlos Subuhana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Examinador Prof.^a Dr.^a Ana Carolina De Oliveira Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Dedico este trabalho especialmente para os meus pais, pelo grande contributo que sempre deram para minha formação. E aos meus irmãos por sempre darem o total apoio e por me ajudarem imensamente no processo da realização da entrevista deste trabalho. Dedico também a todas as mulheres *zungueiras* da província de Luanda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo folego de vida e pela força e oportunidade dada para poder escrever esta monografia. Os meus agradecimentos vão para minha família especificamente meus pais Manuel Gomes e Suzana Domingos que sempre deram o total apoio para mim. Aos meus irmãos Emílio Gomes, Júlio Gomes, Conceição Gomes, Gonçalves Gomes, Florinda Gomes e Paulino Pedro sou muito grata por se fazerem sempre presente em minha vida e por me ajudarem na realização desta pesquisa, pois foi por intermédio deles que eu consegui fazer a entrevista com as *Zungueiras*.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Luís Tomás Domingos que vem me orientando desde o Bacharelado em Humanidades, sou muito grata pelo apoio e incentivo que venho recebido, mesmo em situações difíceis o professor mostrou-se disponível, as vezes não medindo o esforço para que está pesquisa se torna-se uma realidade.

Agradeço a minha companheira de casa Natalia Kulivela pela experiência vivida durante os 4 anos aqui na UNILAB. Aos meus irmãos Manuel Nambua, Doneta Gomes e Ana Odeth por estarem sempre por perto e ajudarem no que for necessário.

Aos meus amigos e colegas Luís Valdo Manuel, Marcelo Banguiquidi, Leonildo Toco sou grata pela vossa amizade durante este percurso.

E por último agradeço a todas as *zungueiras* que se mostraram disponível em participar da nossa pesquisa, pois os contributos delas ajudou bastante para que esta monografia se torna-se uma realidade.

RESUMO

Neste trabalho buscamos analisar a violência policial contra as vendedoras ambulantes (*zungueiras*) em Luanda-Angola. O trabalho objetiva-se em compreender de que forma são cometidas a violência policial contra as vendedoras ambulantes (*Zungueiras*) em Luanda-Angola, e mais nomeadamente buscaremos compreender a posição do governo face à violência cometida pelos policiais. Deste modo o presente trabalho traz uma abordagem sociológica tendo como base principal as *zungueiras*. A violência foi definida pela Organização Mundial da Saúde como o uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si, outra pessoa, grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico. Uma definição coerente da violência a classifica como um ato de coerção dolorosamente experimentado que visa agir sobre alguém ou fazer com quem aja contra sua vontade por meio da força, ou da intimidação. Em Luanda é bem comum os policiais cometerem abuso, agressão contra as vendedoras ambulantes e muitas destas mulheres ao irem vender vão com os seus bebês e algumas são grávidas e os policiais como forma de repreender a venda desordenada recebem as mercadorias, cometem a violência verbal, psicológica e Física onde têm espancado brutalidade as *zungueiras* outras até acabam sendo mortas. A presente pesquisa apresenta uma revisão bibliográfica onde analisamos problemas com relacionados a nossa temática com materiais já escritos por vários autores, como livros, artigos científicos, revistas, teses entre outros. Para a nossa coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada com perguntas abertas que nos permitiu ter mais embasamento sobre a violência Policial contra as *zungueiras* em Luanda. Deste modo optou-se em realizar a técnica de entrevista semiestruturada de modo a dar voz as nossas entrevistadas. Para nossa entrevista selecionamos 10 *zungueiras* que comercializam em vários bairros da cidade de Luanda, a idade destas mulheres varia de 21 a 45. Conclui-se que a violência policial contra as *zungueiras* é um fenômeno muito ocorrente na sociedade angolana e constitui-se de uma forma deliberada, onde os policiais usam as suas forças de poder para acabarem com as vendas desordenadas, na maior parte dos casos acontecem a partir dos ataques físicos, verbal e psicológica.

Palavras-chave: Violência policial, Zungueiras, Luanda

ABSTRACT

In this work we seek to analyze police violence against street vendors (zungueiras) in Luanda-Angola. The aim of the work is to understand how police violence is committed against street vendors (Zungueiras) in Luanda-Angola, and more specifically we will seek to understand the government's position regarding violence committed by police officers. In this way, the present work brings a sociological approach with zungueiras as its main base. Violence has been defined by the World Health Organization as the intentional use of force or power in a threatening or effective manner, against oneself, another person, group or community, which causes or has a high probability of causing injury, death, psychological harm. A coherent definition of violence classifies it as a painfully experienced act of coercion that aims to act on someone or make someone act against their will through force or intimidation. In Luanda, it is very common for the police to commit abuse and aggression against street vendors and many of these women, when they go to sell, go with their babies and some are pregnant and the police, as a way of reprimanding disorderly sales, receive the goods, commit verbal violence, psychological and physical where they have brutally beaten other zungueiras until they end up being killed. This research presents a bibliographical review where we analyze problems related to our theme with materials already written by various authors, such as books, scientific articles, magazines, theses, among others. For our data collection, we used a semi-structured interview with open questions that allowed us to have more information about Police violence against zungueiras in Luanda. Therefore, we decided to carry out the semi-structured interview technique in order to give our interviewees a voice. For our interview we selected 10 zungueiras who sell in various neighborhoods of the city of Luanda, the ages of these women range from 21 to 45. It is concluded that police violence against zungueiras is a very common phenomenon in Angolan society and constitutes a form deliberate, where police use their power to put an end to disorderly sales, in most cases they occur through physical, verbal and psychological attacks.

Key words: police violence, zungueiras, Luanda

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BI	Bilhete de Identidade
GPL	Governo Provincial de Luanda
HRW	Human Rights Watch
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMS	Organização Mundial da saúde
PIB	Produto Interno Bruto
PNA	Policia Nacional de Angola
TPA	Televisão Pública de Angola

LISTA DE TABELAS

Figura 1: Principais diferenças entre quitandeira e zungueira.....	28
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DE CIDADE DE LUANDA.....	16
3 O COMÉRCIO INFORMAL EM LUANDA	17
4 MULHER NO MERCADO DE TRABALHO EM LUANDA.....	20
5 AS PERSONAGENS DO MERCADO INFORMAL DE ANGOLA	25
5.1 As Kinguilas	25
5.2 Reboteiros.....	25
5.3 Candongueiro	26
5.4 Kupapatas	26
5.5 Quitandeiras.....	26
5.6 Vendedoras Ambulantes (<i>Zungueiras</i>).....	28
6 CONCETUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA	31
6.1 Tipologia da violência	32
7 A VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA AS VENDEDORAS AMBULANTES (ZUNGUEIRAS)EM ANGOLA	34
8 RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma abordagem sobre a violência policial em Luanda, cidade capital de Angola. A violência policial é um fenômeno muito ocorrente na nossa sociedade, os polícias têm usado as suas forças de poder de modo organizar as ruas de Luanda. Na cidade de Luanda é comum constatar-se a venda desordenada dentro dos espaços públicos, diante desta desordem verificamos que as vendedoras mesmo sendo repreendidas elas procuram permanecerem nos mesmos locais, o que leva muitos dos polícias a agredirem fisicamente, verbalmente e psicologicamente as mulheres vendedoras ambulantes (*Zungueiras*)¹.

Nesta senda procuraremos entender por intermédio da nossa pesquisa os verdadeiros motivos que levam estas mulheres venderem em locais públicos e não autorizado para a venda, e também pretendemos apresentar algumas observações, possíveis soluções para que se tenha um verdadeiro acordo entre as ambas partes. Segundo Misse (2016), entende que ao definir a noção de violência como conceito a busca da sua raiz etimológica não é suficiente porque antigamente a palavra violência não tinha um significado muito carregado, mas sim um significado mais neutro, pois ela envolvia apenas guerra e poder, mas ao decorrer do tempo as coisas foram desenvolvendo e ela passou a ganhar novos rumos.

Misse (2016), afirma dizendo que o sentido da palavra violência não se deve encontrar apenas na antiguidade, pois ela envolvia mais a questão de força e sacrifício, mas na modernidade ganhou novos atributos, antigamente domínio e vis (violência física) eram utilizados muitas vezes sem grande conotação moral, não eram vistos como necessariamente algo negativo, mas justificáveis em nome de uma ordem guiada pela força e não por princípios. Seria especialmente com a modernidade que a sensibilidade para as múltiplas violências como algo negativo passível de denúncia e punição em nome da integridade da pessoa humana ou do apelo de vítimas tornou-se algo mais presente.

De acordo com Machado e Noronha (2002), a violência policial é uma situação que ocorre constantemente na sociedade moderna e esta forma de violência ela acontece segundo os níveis sociais, ou seja, os indivíduos pertencentes a uma camada de vida baixa, marginalizada, os que

¹ *Zungueira* mulher que vende nas ruas, tradicionalmente transportando os produtos para venda numa bacia ou cesta que carrega em cima da cabeça; vendedora ambulante.

vivem nas zonas periféricas são os que mais passam pela situação de violência cometida pelos policiais, ainda em Chevigny, 1995, apud Machado e Noronha (2002) afirma o seguinte:

esta variação de comportamentos, da polícia e do público, remete para, pelo menos, quatro aspectos fundamentais, que são: a orientação governamental no uso da violência; a consciência de cidadania; o nível de aceitação social da violência para resolver conflitos e o padrão de relacionamento entre governo e população visando regular a cidadania e possibilitar o controle social sobre os órgãos governamentais (CHEVIGNY, 1995, APUD MACHADO E NORONHA, p.188).

A violência policial em muitos casos é olhada como violência legitimada e também estruturada porque ela ocorre segundo os níveis de vida e normalmente as mulheres vendedoras ambulantes (zungueiras) pertencem à classe de vida baixa, que usam as suas próprias forças para o sustento de suas famílias, se deparam por várias formas de violência cometida pelo próprio Estado.

Deste modo, o presente trabalho pretende trazer uma abordagem sociológica sobre a violência policial em Luanda, tendo como base principal as vendedoras ambulantes² e os agentes da PNA. Procuraremos saber a partir de livros, artigos, teses, jornais e entrevistas como funciona o sistema de venda ambulante em Luanda e o que leva realmente os policiais repreenderem estas mulheres de uma forma violenta. Será que o governo não tem criado algumas políticas públicas para que estas mulheres façam as suas vendas de uma forma ordenada? Penso que ao longo da nossa pesquisa estas questões serão respondidas.

Inicialmente o presente tema foi escolhido pelas observações constantes que presenciei durante muito tempo em que vive na cidade de Luanda, era constante e traumatizada ver mulheres batalhadoras ousadas a acordarem sempre cedo a procura de algumas condições para darem o sustento, suas famílias, mas, em contrapartida, estas mulheres saem de suas casas sem muita esperança de poder voltar fisicamente e bem financeiramente. O que me motivou a escrever este trabalho foi olhando no sofrimento destas mulheres vendedoras que ao decorrer do dia-a-dia presenciei várias situações em que as mesmas são brutalmente espancadas pelos policiais e estes policiais após espancarem chegam a levar as mercadorias das senhoras em suas casas.

No ano de 2020, em uma época em que estivemos a viver por momentos muito perturbador por conta da covid-19 se estender em várias partes do mundo, constatou-se um aumento no nível

² Vendedor(a) ambulante é aquela(e) que exerce a atividade comercial a retalho de forma não sedentária nos locais por onde passa ou em zonas que lhe sejam previamente destinadas pela entidade competente

de violência policial em Luanda, e um dos casos que muito me chamou atenção foi o caso de uma senhora Juliana Cafrique de 28 anos morta pelo agente da polícia nacional. O caso aconteceu no Bairro Rocha Pinto na cidade capital de Angola- Luanda no dia 12 de março de 2020 em que a mesma vendedora implorava para não ser retirada os seus produtos de venda, mas o policial não teve compaixão e simplesmente matou a senhora.

Estes e vários outros casos de morte contra as mulheres vendedoras ambulantes tem acontecido em Angola, e situações como estas acaba nos levar a fazer vários questionamentos acerca do verdadeiro papel dos policiais em Angola, será que eles estão mais para proteger a população ou estão mais para prejudicar o povo? Que tipo de efetivos a polícia nacional de Angola forma? É bem notória a preocupação destes policiais em quererem apenas receber o negócio das senhoras e cometer violência seja física como psicológica a estas senhoras que não têm oportunidade de terem um emprego digno ou um local fixo e seguro para fazerem os seus negócios.

Deste modo, esperamos que a presente pesquisa contribua bastante para o melhoramento do posicionamento dos policiais diante das mulheres vendedoras ambulantes, e esperamos que o estado crie algumas políticas públicas de modo a ampliar a quantidade de mercados informais em Luanda como forma de incluir estas mulheres que não têm um espaço no mercado para poderem vender as suas mercadorias.

No âmbito acadêmico a pesquisa é relevante pela profundidade reflexiva que o tema apresenta e esperamos que a nossa pesquisa sirva de base teórica para os futuros pesquisadores que quiserem desenvolver sobre a temática em causa. No âmbito social esperamos que esta pesquisa estabeleça novas visões reflexivas acerca da violência policial em Luanda e que a sociedade possa ter o poder de se defender e acabar com este tipo de violência que tem gerado vários traumas para as mulheres vendedoras e suas famílias.

O presente trabalho visa analisar os problemas relacionados a violência Policial em Luanda, no entanto, não é um problema recente, este é um fenômeno que ocorre em quase todo território nacional angolano. É bem comum constatar problemas do gênero em várias sociedades. A violência policial muitas das vezes é olhada pelo “Estado” como uma violência legitimada que acaba atingindo maioritariamente as populações da baixa renda e marginalizadas.

A nossa preocupação como pesquisadores é buscar questionar e entender qual tem sido o posicionamento do governo diante estes todos os problemas enfrentados na sociedade, porque se

nota a permanência das mulheres nestes locais por falta de espaços nos mercados para todas as vendedoras.

Podemos perceber que são enormes problemas de violência enfrentados na cidade de Luanda. Assim sendo, tendo em vista o teor da nossa temática, aprez-me fazer as seguintes indagações: quais são os fatores que levam os policiais a cometerem violência contra as vendedoras ambulantes em Luanda? Por que as vendedoras ambulantes têm feito as suas vendas em locais não autorizados para a venda? Qual tem sido o posicionamento das autoridades máxima diante destes acontecimentos, seja das vendas desordenadas e a violência contra as zungueiras?

Assim sendo, partimos do pressuposto que: as vendedoras ambulantes usam a venda desordenada como forma de subsistência. O governo ou os agentes da polícia cometem a violência como forma de organização e como violência legitimada. Tendo em conta as considerações apresentadas, o nosso trabalho objetiva em compreender de que forma são cometidas a violência policial contra as vendedoras ambulantes (Zungueiras) em Luanda-Angola. E mais nomeadamente buscaremos compreender a posição do governo face à violência cometida pelos policiais; entender qual tem sido o posicionamento do governo diante estes todos os problemas enfrentados na sociedade e também vamos descrever a relação entre os vendedores do mercado informal e os fiscais policiais.

Para a nossa metodologia usamos procedimentos fundamentais que nos ajudaram a responder o nosso problema de pesquisa e os objetivos traçados. Para entendemos sobre a violência policial contra as vendedoras ambulantes em Luanda utilizamos o método de abordagem qualitativa, que nos permitiu interpretar o fenômeno que se observa.

Usamos o procedimento bibliográfico cujo objetivo é analisar uma determinada temática com base no que já foi escrito sobre ele, onde recorreremos nos materiais escritos por vários autores, como livros, artigos científicos, revistas, teses entre outros que relatam sobre a temática em causa.

Para a nossa coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada com perguntas abertas que nos permitiu ter mais embasamento sobre a violência policial contra as *zungueiras* em Luanda. Deste modo optou-se em realizar a técnica de entrevista semiestruturada de modo a dar voz as nossas entrevistadas. Para nossa entrevista selecionamos 10 *zungueiras* que comercializam em vários bairros da cidade de Luanda, a idade destas mulheres varia de 21 a 45 anos. Por intermédio da distância que nos impossibilitou ter o contato presencial com as nossas entrevistas, a entrevista realizou-se por chamada, no WhatsApp, tive algumas intermediárias que são as minhas irmãs que

foram ao encontro das *zungueiras* e utilizamos gravador para registrar a nossa conversa. Nesta senda analisaram-se os conteúdos vindo das nossas entrevistadas, e constatou-se que as *zungueiras* estão conscientes que vender em locais públicos não é correto, mas fazem por falta de emprego e falta de espaços suficiente nos mercados informais para albergar todas as vendedoras, e percebemos também que os policiais têm cometido violência contra as *zungueiras* como uma forma de manter a ordem em locais públicos inapropriados para se fazer a venda ambulante.

O presente trabalho foi estruturado seguinte forma: primeiramente temos uma breve contextualização da cidade de Luanda, em seguida apresentamos o nosso primeiro tópico que retrata sobre o comércio informal em Luanda, o nosso segundo tópico, retrata sobre Mulher no mercado de trabalho em Luanda, e no terceiro momento falamos sobre as personagens do mercado Informal de Angola, o nosso quarto tópico apresentamos a Conceitualização da violência e como subtópico temos a Tipologia da violência. O nosso quinto tópico retrata sobre a violência policial contra as *zungueiras* e apresentamos posteriormente resultado e discussão da nossa pesquisa, onde fizemos uma breve análise sobre os resultados obtidos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DE CIDADE DE LUANDA

Adentrando na temática apresentaremos uma breve contextualização de Luanda, de modo a entender a realidade estudada. Luanda, cidade capital de Angola que antigamente era denominada como Loanda, foi fundada no dia 25 de janeiro de 1576 pelo Paulo Dias de Novais. Segundo os dados estatísticos apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) a partir do último censo demográfico realizado no ano de 2014, Luanda foi considerada a província mais populosa de Angola com 6 945 386 de habitantes, o que representa pouco mais de um quarto (27%) da população do país, Luanda que atualmente tem 7 municípios que são: Luanda Belas, Cazenga, Viana, Cacuaco, Icolo e Bengo, Quissama.

Luanda, segundo aqueles que a conheceram nos seus primórdios, era a cidade mais bonita de África. Até mesmo o observador mais severo da imundice que encontrei em 1992 não poderia deixar de distinguir os abatidos traços de elegância. Concebida pelos seus arquitectos originais para engrandecer a graciosidade de uma ampla e arqueada baía, a cidade fez-me lembrar de imediato o Rio de Janeiro, com a diferença de que aqui não havia montanhas escarpadas, nem nenhum corcovado a dominá-la (ANSTEE, 1997, p. 223, APUD FELIX, 2018.n.p).

Nota-se atualmente um grande crescimento na província de Luanda, pois ela tem abrigado muitos habitantes, que se deslocam de suas terras natais (em outras províncias) de modo a instalarem-se em Luanda, a fim de procurarem melhores condições de vida a partir do comércio informal. Segundo Felix (2018) a população de Luanda na sua maioria sobrevive a partir da economia de subsistência, pesca, agricultura e o comércio informal, grande parte da população de Luanda é pobre e por falta de oportunidade de emprego muitos deles recaem no comércio informal de modo a procurarem forma para os seus sustentos e as que mais se inclinam na venda ambulante na sua maior parte são as mulheres. A prática do comércio ambulante em Angola não é de hoje, ela vem acontecendo muito antes do País torna-se independente.

3 O COMÉRCIO INFORMAL EM LUANDA

Quando retratamos de comércio informal estamos a nos referir nas práticas de atividades remuneradas sem qualquer vínculo empregatício e na sua maior parte é formado por vendedores ambulantes, domésticos, servidores irregulares e um dos fatores que favorece o comércio informal é o número elevado de desemprego, e também para se ter um emprego formal existe muitas exigências como possuir um nível de escolaridade alta e isto também faz muita gente, recorrerem no mercado informal.

Para Ackermann (2007) quando se fala do comércio informal estamos a nos referir numa forma de diversidade encontrada para se conseguir renda de subsistência de uma determinada família, e este tipo de atividade é bem comum acontecer dentro da classe trabalhadora (pobres). Ackermann (2007) ainda afirma que o trabalho informal é visível pela sociedade em geral porque as vendedoras ocupam os espaços públicos, assim como as *zungueiras* da cidade de Luanda ocupam locais como as vias públicas, as ruas, e também podemos observar que dentro do comércio informal os preços são mais acessíveis em relação ao comércio formal o que faz haver uma concorrência entre o mercado formal e informal, e pelas vulnerabilidades que o mercado informal apresenta ela torna-se alvo da ação fiscalizatória por parte do Estado e conflito por parte da iniciativa privada.

Luanda uma das cidades mais populosas do país, mas com um número elevado de desemprego. De acordo com Luz (2021) o informal pode ser olhado como uma cultura especificamente da cidade de Luanda, mas apesar deste aspecto podemos notar ainda que o

informal é criminalizado mesmo sendo que o Estado não favorece, políticas públicas, um nível de igualdade para toda população. Eventualmente constatamos que em Luanda existe alguns bairros periféricos sem saneamento básico, podemos nos questionar como pode uma cidade com uma boa parte de bairros sem saneamento e possui um número elevado de pessoas com renda baixa criminalizar o comércio informal? A desigualdade em Luanda ainda é bem notável principalmente nos chamados bairros periféricos, ou seja, os Musseques³. Conforme apresenta Luz (2021),

os musseques albergam a maioria da população luandense que exerce alguma espécie de comércio informal. Segundo Cain (2019), aproximadamente 70% da população reside em musseques ou habitações precárias. Segundo o Instituto Nacional de Estatística do Ministério do Planeamento do Governo de Angola (GOVERNO DE ANGOLA, 2016, p. 71-75), em dados de 2014, somente 31% dos agregados familiares em habitações da população de Angola dispunha de eletricidade e menos de 30% dos agregados familiares em habitações em Luanda tinha acesso à água apropriada para beber; 7% dos agregados familiares em habitações no país apresentava equipamentos sanitários urbanos conectados à rede pública de esgotos, sendo 91% ligados à fossa séptica. Os resíduos são depositados ao ar livre por 59% dos agregados familiares urbanos. Em Angola, 70% das mulheres trabalham na economia informal e 90% dos vendedores ambulantes residem fora do local onde trabalham, sendo que o circuito informal representou, em 2014, a proporção de 60% da economia (QUEIROZ, 2016). Propõe-se, neste artigo, uma abordagem do conceito do informal em Angola, acreditando que a informalidade faz parte do meio urbano das cidades africanas, sendo um modo de auto-organização e subsistência, que interfere no espaço urbano (LUZ, 2021. p. 30).

Deste modo, a partir da ideia apresentada pelo autor, tendo em conta o nível de vida da maior parte da população de Luanda, podemos compreender o porquê da existência do mercado informal em Luanda, o que tem servido como uma forma de sustento para muitas famílias da cidade.

As mulheres *zungueiras* têm desempenhado um papel muito preponderante para o crescimento do comércio informal em Luanda, mas encontra-partida mesmo elas dando um grande contributo ainda sofrem várias questões de violências a partir dos atos desumanos cometidos contra elas. E muitas destas mulheres entraram no comércio informal por conta das várias dificuldades que o próprio Estado tem causado sobre elas, existe muita burocracia para se conseguir estar em um local formal, principalmente para estas mulheres que na sua maior parte pertencem à camada de vida baixa.

³ Musseque, nome que deriva de uma língua local “Kimbundu” que significa terra vermelha, são bairros periféricos suburbanizados, ou de urbanização progressiva, que podem ser classificados em ordenados, passíveis de se ordenar com instrumentos de ordenamento do território, ou desordenados, de difícil ordenamento

Segundo Santos (2010), o enquadramento do comércio informal em Luanda e a presença das mulheres quitandeiras deram-se a partir do século XVII, ou seja, esta atividade já começou a ser praticada muito antes da independência, não era uma atividade estranha para as mulheres escravizadas antigamente. Então para Santos (2018) Está longe de se considerar a atividade do comércio informal como recente.

Cardoso (1951) apud Santos (2010) afirma o seguinte,

[...] relativamente às feiras, já nos finais do séc. XVIII, fala-se na existência de grandes mercados em Luanda, nomeadamente: mercados dos Coqueiros, Açougue de peixe, Feira Grande e a Feira do Bungo. Estes mercados foram considerados como instituições de revenda, de distribuição, que na sua essência não se diferenciavam dos mercados africanos em regiões dominadas por chefes políticos africanos (VENÂNCIO, 1996, p.38). A Quitanda Grande, construída pelo Governador Luís da Mota Fêo Torres, em 1816, existia no espaço compreendido entre o edifício do Diário de Luanda e o quartel dos bombeiros. Fazendo alusão ao Almanaque Estatístico, Cardoso M. (1951), descreve o lugar como sendo: “um excelente mercado de fazendas de diversas qualidades, em que se contavam para cima de 100 pretas quitandeiras distribuídas em 30 a 40 barracas volantes que desapareciam ao pôr do sol e apareciam ao raiar da aurora (CARDOSO 1951, APUD SANTOS, 2010, p. 26).

Nota-se que se constatou posteriormente o surgimento de vários mercados informais na cidade capital Luanda estes que de várias formas contribuíram bastante para o crescimento econômico do país, e nestes mercados eram comercializados os produtos de necessidades básicas e não só, ou seja, é uma zona de comércio muito ampla que se pode encontrar uma diversidade muito ampla de produtos à venda não se limita apenas em venda dos produtos da cesta básica. Segundo Santos (2010), esta atividade não se limitava apenas para os luandenses, mas também ou, sobretudo, por constituírem farnel de escravos embarcados para o Brasil, como apresenta Santos (2010):

[...] por esse motivo, será importante assinalar que, as atividades destas mulheres estão interligadas as atividades principais da economia vigente, enquanto são abastecedoras de alimentos da cidade, com a atuação do Estado, do Terreiro Público¹⁹, mas ligadas diretamente ao grande negócio do abastecimento dos navios negreiros e aos milhares de escravos que esperavam para serem embarcados e dos que chegavam do sertão, estando desta feita, a sua atividade interligada a grande cidade/Porto de Luanda (SANTOS, 2010, p. 27).

As atividades do mercado informal praticada por diversas mulheres angolanas é muito abrangente que não contribuí apenas para o desenvolvimento local, mas acabou ajudando no fornecimento de produtos para os escravizados. E diante destas situações todas surgem vários questionamentos do porquê que o Estado não tem investido ou mesmo chegar a valorizar mais a

atividade de sustento destas mulheres, é porque que a sociedade tem sempre desvalorizado o comércio informal? Como afirma (Pantonja 2001 apud Santos 2010), apesar desta desvalorização do comércio de alimentos, este é uma atividade que conseguia juntar as mulheres negras, brancas, pobres e ricas em um único espaço.

Dias, (1981) apud Santos (2010) diz o seguinte:

[...] Tais dados, relevam a importância das mulheres negociantes na história econômica e política de Luanda no século XIX. Será, pois, de referenciar, que esta situação angolana se assemelha a de outras regiões, onde mulheres com qualidades de comando excepcionais e riqueza adquirida através do comércio, aparentemente governaram aldeias africanas desde os tempos pré-coloniais (DIAS, 1981 APUD SANTOS, 2010, p. 27).

A partir desta afirmação podemos notar o quão as mulheres comerciantes têm contribuído positivamente para o crescimento econômico do país é isto merecia um olhar mais abrangente do Estado Angolano. Telo (2021) apresenta uma concepção que a história do comércio informal em Angola é formada pelos esforços e desempenho que as vendedoras ambulantes (zungueiras) têm dado porque tanto o Estado colonial e o pós-colonial não foram capazes de promover um mundo igualitário de gênero entre mulheres e homens.

4 MULHER NO MERCADO DE TRABALHO EM LUANDA

O papel da mulher no mercado de trabalho sempre foi questionado, porque vivemos em uma sociedade que a mulher sempre foi excluída, estigmatizada e impedida de ter acesso aos certos espaços como no mercado de trabalho e no mundo educacional. Neste sentido refletiremos em torno dos questionamentos que surgem sobre lugar da mulher no mercado de trabalho angolano, onde é passada uma visão que o lugar da mulher é fazer as tarefas domésticas, cuidar de casa e da família ou mesmo fazer atividades da venda informais, os homens sempre são os mais privilegiados e são os que mais têm acesso aos empregos de renome.

Segundo Telo (2021),

[...] a integração das mulheres angolanas no mercado de trabalho público tem, por um lado, recorte expressivo de gênero, raça, classe e local de nascimento, por outro, um legado de resistência e resiliência ao patriarcado, ao capitalismo e racismo do Estado colonial ao pós-independente (TELO, 2021, p. 14).

Tendo em conta o contexto histórico e cultural das mulheres angolanas, podemos entender que a maioria são mulheres negras e de classe baixa que vivem nas zonas periféricas e marginalizadas. Para Silva (2013), no contexto social em Angola, as mulheres ainda são atribuídas parte do trabalho não remunerado, ou seja, muitas das mulheres criam uma dependência financeira para poderem sustentar as suas famílias, como podemos ler,

a mulher angolana detém, tradicionalmente, o importante papel de assegurar a alimentação e a manutenção do agregado familiar. Historicamente, em Angola, como em muitas partes da África Austral e Central, a mulher é tradicionalmente independente em assuntos financeiros... em toda a costa ocidental africana as mulheres comerciantes são numerosas. (GRASSI, 1998, p. 212, APUD SILVA, 2013, p. 14).

E também a autora ainda nos faz lembrar que no contexto angolano existe uma diversidade em que algumas sociedades são matriarcais, onde as responsabilidades máximas são dadas nas mulheres “o que confere à mulher um estatuto mais alto do que nas sociedades patrilineares” (Queiroz, 2017, p.92), ainda podemos perceber a mesma visão de Angola ser uma sociedade em que maior parte dos grupos etnolinguísticos fazem parte da sociedade matrilinear a partir da visão de Queiroz (2017),

Outro fator que evidencia o protagonismo feminino é a matrilinearidade, a maioria dos grupos étnicos que compõe a população angolana são grupos matrilineares, isso significa que a mulher possui função determinante na contagem de parentesco. Vindas de uma relação dos meios rurais, de um sistema de casamento poligâmico, de uma organização social onde as mulheres eram tradicionalmente as responsáveis pelo trabalho agrícola, as vendedoras ambulantes de Luanda trazem em si costumes que irão se adaptar e se reconstruírem segundo suas vivências nos espaços urbanos de Luanda (QUEIROZ, 2017, p. 92).

Dessa maneira, vale ressaltar que maior parte das sociedades africanas antes de passar pelo processo da colonização eram sociedades matrilineares, a mulher tinha o poder sobre tudo, mas os europeus vieram reprimir esta ideia. Assim sendo, tendo em conta a construção e estruturação da sociedade patriarcal em Angola, olhando o contexto de acesso ao mercado de trabalho em Luanda, veremos que as mulheres são subalternizadas em ter uma visão que o seu lugar é limitado como aponta Silva (2013), as convenções de gênero construída pela sociedade tem ampliado a divisão sexual do trabalho aquela visão que muitos têm que os trabalhos que exige muito esforço físico é para homens e os mais leves são para as mulheres.

Podemos perceber que o fator físico é um dos aspectos que tem definido o lugar que as mulheres devem ocupar no mercado de trabalho. E conciliar a vida laboral e familiar é uma das dificuldades que as mulheres têm encontrado para ter acesso ao mercado de trabalho, podemos ver em Silva (2013),

[...] num país com uma taxa de crescimento de 3% como Angola e, uma taxa de fecundidade de 6,0 filhos por mulher ao entrarem para o mercado de trabalho, as mulheres duplicam a sua jornada, o que se verifica sobretudo na sobrecarga laboral e responsabilidades familiares acrescidas. Ainda que aparentemente esta não pareça uma questão prioritária, será fundamental dar-lhe importância, pois tem implicações na ascendência profissional das mulheres, enquanto contribui para a fragilização destas no emprego, condicionando o seu desenvolvimento profissional. Existindo mesmo situações em que esta é forçada a escolher entre a família e a carreira profissional, uma vez que o papel produtivo da mulher é dignificado culturalmente, considerado o mais importante (SILVA, 2013, p. 39).

Diante das ideias apresentadas pela Silva (2013), nos leva a refletir e ter uma noção sobre como a sociedade tem encarado a mulher quando a mesma decide abraçar um trabalho profissional que pode contribuir bastante para o seu crescimento. E também podemos perceber porque há mais mulheres dentro do comércio informal propriamente na venda ambulante do que os homens.

Para Costa (2020), a história das mulheres angolanas não difere muito com a das mulheres de outros países e de outros continentes, mas existe uma especificidade que é pelo fato de Angola viver um momento intenso de guerra civil que durou 37 anos. E durante este tempo todo as mulheres tinham o difícil acesso às escolas, tudo porque a sociedade foi construindo uma ideia que acaba simplesmente por inferiorizar as mulheres, afirmando que o lugar das mulheres é na cozinha, cuidar dos filhos, ou seja, a vida das mulheres deve ser resumida em fazer atividades domésticas. E estes motivos levava as mulheres que, conseguiam ter acesso à escola para uma educação formal a desistirem.

Costa (2020) apresenta os seguintes dados:

[...] Forçadas por várias formas de desigualdade, elas apresentavam uma taxa de desistência escolar de cerca de 29%. Em 1997, entre os adultos (mais de 19 anos), 43% das mulheres nunca haviam frequentado a escola e apenas 18% das mulheres estudaram para além da 4ª classe, em contraste com 37% dos homens. Entre os idosos (mais de 65 anos) os homens têm uma probabilidade 150% maior de saberem ler e escrever. (Costa, 2020, p. 5)

A partir destes dados desiguais que as mulheres eram forçadas a fazerem outras atividades que impedia elas entrarem no mundo escolar ou mesmo as que frequentavam a escola desistiam

podemos perceber o porquê que maior parte das vendedoras ambulantes (*zungueiras*) são mulheres que não sabem ler nem escrever. E maior parte destas mulheres não possuem Bilhete de identidade (BI), e muitas delas vêm de outras províncias de Angola em consequência da guerra, como afirma Queiroz, (2017);

[...] todavia, situações como dos refugiados de guerra que se deslocaram sem a documentação de nascimento, a falta de alfabetização e de documento de identidade dos pais que os impediram de fazer o registro dos filhos ou o fato do governo somente oferecer o bilhete de identidade gratuito até os 5 anos, configuram em um conjunto de entraves para o cidadão em condições de vulnerabilidade conseguir a emissão do cartão de vendedor. O problema de registro civil em Angola, não somente impede os vendedores ambulantes de exercer sua cidadania como trabalhador, como prejudica o acesso a outros direitos sociais (QUEIROZ, 2017, p. 85).

A falta de (BI) é um dos motivos que impedem elas em terem acesso aos outros espaços comerciais, ou a terem um trabalho em um local formal porque para trabalhar nestes locais é necessário ter bilhete de identidade e também um nível acadêmico avançado. E estas mulheres não têm o BI porque para se conseguir tratar existe um processo burocrático dentro dos centros de identificação, e também tem a questão de não ser um documento gratuito para adultos e muitas destas mulheres não têm a possibilidade de poderem pagar.

Assim sendo, Costa (2020) afirma que o vender na rua é o último recurso que estas mulheres têm para se manterem no mundo de trabalho, mas encontra partida elas são repreendidas pelos policiais. E uma das formas que elas têm para não sofrerem abuso policial é entrarem no mercado informal como *quitandeiras*, mas também existe um, porém que impede as *zungueiras* entrarem na *kitanda*⁴ que é a falta de espaço suficiente para vendas.

De acordo com Costa (2020) diz o seguinte,

O Estado Angolano criou estruturas oficiais que serviriam de suporte à integração das mulheres, sobretudo aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade, ainda assim, como nos diz Pereira (2015), a existência de tais estruturas não significou realmente a priorização das questões de gênero. Ações desenvolvidas pelo Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU) são limitadas e parecem não alterar a realidade das mulheres angolanas, apesar do constante apoio da comunidade internacional aos projetos desenvolvidos por este Ministério. Além disto, o mercado de trabalho não é uma área tida como prioritária nas ações do MINFAMU, estando essencialmente focado nas questões

⁴Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *quitanda*, «local onde se fazem negócios; mercado, praça», é a adaptação ao português do quimbundo (língua de Angola) *kitanda*, «feira»,

da família, violência (orientação jurídica) e da saúde da mulher (HIVSIDA, nutrição, cuidados maternos, etc.) (Costa 2020, p.6).

Com esta ideia que Costa apresenta podemos notar que o Estado angolano quer tirar estas mulheres da *zunga*⁵, mas os mesmos não garantem um lugar seguro para a venda delas, o número de mulheres em condições precárias é elevado e o número de espaço para albergar estas mulheres em um local de venda seguro são reduzidas, e deste jeito podemos notar uma certa desorganização do próprio Estado. E estas mulheres olhando nesta dificuldade e burocracia que passam para terem um espaço fixo no mercado informal, preferem permanecerem na *zunga*, porque muitas delas têm a *zunga* como única fonte de renda para poderem sustentar as suas famílias, preferem ariscarem as suas vidas com as perseguições dos policiais.

E podemos notar que o mercado informal tem contribuindo bastante para o crescimento da economia angolana e este é um setor comandado por um número elevado de mulheres, podemos ver em Costa (2020),

a limitação das oportunidades de emprego nas áreas urbanas e o aumento da procura por trabalho causado por todas as vagas de migração, continuou a afetar sobretudo e de sobremaneira a camada mais vulnerável no seio do mercado de trabalho – as mulheres, que constituem a maioria da população angolana e exercem um importante papel na economia nacional, sendo que cerca de 27% dos agregados familiares angolanos são chefiados por mulheres (...), ainda que mais da metade das mulheres chefes de agregados familiares angolanos sejam analfabetas. Em 2002, as mulheres ocupavam 63,5% dos empregos no setor informal e 33% no setor formal. As barreiras prováveis para a inserção das mulheres no mercado de trabalho são barreiras formais de gênero como no exército, barreiras formais indiretamente tendenciosas tal como a educação formal, barreiras combinadas formal/informal tais como regulamentações rígidas no que diz respeito à gravidez e acompanhamento da criança, barreiras informais incluindo tanto uma rígida regulamentação como opiniões tendenciosas de gênero (COSTA, 2020 p.7,8).

Com esta ideia de pereira percebemos o grande contributo que as mulheres têm dado para o crescimento da economia do país, mas mesmo assim elas ainda são olhadas como inferior aos homens, analfabetas mesmo algumas delas terem uma educação formal ainda é bem notado as barreiras existentes para elas ocuparem um espaço de poder.

⁵ *zunga* é uma palavra que deriva, da língua nacional angolana kimbundu, que significa circular, andar à volta, girar. Trata-se de um linguajar utilizado pela população de Luanda para caracterizar os vendedores informais, particularmente os vendedores ambulantes.

5 AS PERSONAGENS DO MERCADO INFORMAL DE ANGOLA

André (2022), destaca sobre as personagens do mercado informal onde ele vai afirmar dizendo que para além das vendedoras ambulantes temos também as *kinguilas*,⁶ os roboteiros, os *candongueiros*⁷ e as *kupapatas*⁸ estes que de qualquer forma também fazem parte do círculo do mercado informal, e também é importante destacar a diferença das *Kinguilas* e *zungueiras* que muitas das vezes é confundida os seus papéis.

5.1 As Kinguilas

Para André (2022) a palavra *kinguila* uma designação da língua kimbundu que significa quem está à espera, é o nome atribuído a cambistas informais, sendo maioritariamente mulheres situadas em vários locais da cidade como esquinas das ruas, estradas e prédios ou até mesmo ao redor dos mercados. As *kinguilas* diferentes das *zungueiras*, elas normalmente têm um espaço fixo onde fazem trocas de dinheiros (dólares para o Kwanza nacional) todos os dias, já as *zungueiras* não têm um local fixo, mas encontra partida as duas são repreendidas pelos policiais porque o local onde as *Kinguilas* fazem as suas trocas não são o lugar a apropriado para tal, ou seja, é uma atividade ilegal.

Segundo André (2022) a prática desta atividade surgiu por conta de as moedas nacionais terem uma desvalorização total em Angola e como uma forma de rendimento estas mulheres procuravam fazer trocas de dólares e euros e também uma das questões que levava elas a fazerem estes negócios eram por conta dos processos burocráticos nos Bancos nacionais.

5.2 Reboteiros

Para André (2022) a palavra *Reboteiro* originou a partir das gírias de Luanda o tão chamado calão que é uma linguagem informal. Este nome deriva da palavra “robot”, significando trabalho

6 Kinguila mulher que negocia divisas estrangeiras no mercado paralelo de câmbio; cambista ambulante

7 Kandogueiros, modalidade de transporte informal ou semi-informal responsável pelos deslocamentos e pela dinâmica quotidiana da cidade.

8 Kapapatas é uma palavra da língua Umbundu uma das línguas nacionais de que significa pessoa que conduz uma motocicleta, assegurando um serviço pago de transporte de passageiros ou mercadorias; mototaxista.

físico, ou braçal. Os Reboteiros na sua maioria são jovens que ficam localizados nos mercados informais, nos armazéns, estes Reboteiros também são chamados como trabalhadores, para exercerem as suas funções eles carregam um carro feito de madeira conhecido como carro de mão. E maior parte destes jovens que exercem este trabalho vem da zona Sul de Angola, como Benguela, Huambo e Bié, eles se deslocam para cidade capital com intuito de conseguirem melhores condições de vida.

5.3 Candongueiro

Para André (2022) é uma palavra que originou da língua quimbundo que significa a atividades clandestinas ou negócios ilegais. O termo denomina, além das pessoas que realizam a atividade, também as *vans* da marca Toyota, modelo Hiace ou semelhantes, da cor azul e branca, que operam como meio de transporte, fazendo rotas das zonas periféricas para o centro, como também circulam entre zonas periurbanas, os candongueiros são atualmente conhecidos como taxistas e é um dos transportes que mais movimenta a população luandense.

5.4 Kupapatas

De acordo com André (2022) *kupapatas* são mototaxistas que tiveram o seu surgimento nos anos 1990, procurando atender às necessidades da população, por escassez do transporte público. Inicialmente circulavam entre os bairros informais e zonas de difícil acesso aos ônibus e aos *candongueiros*. Atualmente circulam por todas as zonas da cidade. A taxa tarifária nos bairros informais é estipulada dependendo da distância percorrida; entretanto, no centro urbano o custo varia em função da zona ou bairro. Os *kupapatas* atualmente nas ruas de Luanda são conhecidos como motoqueiros e é um meio de transporte considerado mais rápido em relação ao *kandongueiro* e normalmente os passageiros são retirados de sua casa e também deixados em sua casa.

5.5 Quitandeira

Também é uma das personagens, pertencente ao mercado informal, são mulheres vendedoras de quitanda, normalmente elas fazem os seus negócios dentro do mercado informal, elas têm um lugar

apropriado para a venda, e comercializa uma diversidade de produtos como peixes, carnes, arroz, chinela, óleo roupa entre outros.

A Quitanda é um termo da língua *Kimbundu* que pode significar praça, mercado ou feira. Para Lobo (2021) “para melhor se entender sobre as *zungueiras* é importante que se entenda primeiro sobre as quitandeiras a mulher que trabalha na” quitanda “tem a denominação de” quitandeira”, logo, a mulher que trabalha na “*zunga*” tem o nome de “*zungueira*” (Lobo, 2021, p. 44).

Segundo Santos (2010) as mulheres que fazem a quitanda são oriundas de diversas partes étnicas do país, em Luanda podemos destacar os principais mercados onde estas mulheres vendem: o Mercado do Chamavu, antigo mercado Rock que inclusive já foi um dos maiores da cidade de Luanda, mercado dos congolezes, Kicolo, kwanza, mercado do 30, mercado do São Paulo entre outros mercados.

De acordo com (André, 2022, p. 10), “no contexto atual luandense, as quitandeiras ainda existem, contudo, exercem vendas de produtos tradicionais, caseiros, plantas, raízes, ervas que servem de medicina natural e, inclusive, produtos mágicos, religiosos de vínculos tradicionais da cultura angolana”. E podemos afirmar que atividade da quitanda é que deu o surgimento da prática *zunga*. Mas existe um certo descontentamento na parte das quitandeiras, sendo que as *zungueiras* não pagam imposto e também têm a possibilidade de venderem mais rápido porque elas vão atrás dos clientes e comercializam as suas mercadorias em um preço mais baixo. Diante desta desavença constatamos que as quitandeiras muitas vezes têm apoiado os policiais, agentes fiscais para retiram as *zungueiras* do mesmo lugar de venda.

Podemos ver em Lobo (2021) na presente tabela a baixo que faz uma mera descrição sobre a diferença que existe entre as *Zungueiras* e as quitandeiras.

Figura 1: Principais diferenças entre quitandeira e zungueira

QUITANDEIRA	ZUNGUEIRA
<ol style="list-style-type: none"> 1. Quitandeiras eram como se chamavam as mulheres que vendiam na quitanda, atividade característica dos povos do centro-ocidente de África. 2. Possuem uma descrição etnográfica da sociedade angolana transmitida de geração em geração. 3. Têm lugar fixo de venda, funcionam por sectores, com produtos diversos de forma organizada. 4. São reconhecidas pelo Ministério da Economia e pela sociedade, pertencem de certa forma ao sector terciário. 5. Possuem uma hierarquização dentro do mercado informal, com uma variedade de serviços: compra, vendas e revenda, distribuição de bens alimentícios e outros. 6. O seu reconhecimento na cultura permite que a história seja contada, passando para a sua descendência. 7. Pagam impostos e taxas de manutenção dos mercados. 8. Contribuem para o aumento do crescimento do PIB. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Zungueiras eram mulheres que vendiam na zunga, atividade realizada por fatores socioeconómicos e conjunturais dos países subdesenvolvidos. 2. Possuem um legado etnográfico das gerações passadas. 3. Não têm lugar fixo, andam de um lugar para outro, vão ao encontro do cliente. 4. Não são reconhecidas pelo Ministério do Comércio, muito menos pela sociedade. 5. Vendem produtos a retalho, muitas vezes fornecidos pelas quitandeiras. 6. Não têm nenhum tipo de reconhecimento sendo o grupo populacional mais discriminado da sociedade angolana. A falta de escolaridade é maioritariamente resultado do êxodo rural ou de deslocados de guerra. 7. Não pagam impostos nem taxas porque se trata de uma economia de sobrevivência. 8. Contribuem para o aumento do crescimento do PIB.

Tabela 1 | Fonte: (LOBO, 2021, p.48).

5.6 Vendedoras Ambulantes (*Zungueiras*)

De acordo com Luz (2022), as vendedoras ambulantes em Angola são conhecidas como Zungueiras que é um termo da língua Kimbundu que significa circular ou rodear, estas mulheres carregam na cabeça diversos produtos de venda na bacia e circulam em todas as ruas e mercados informais de Luanda para sustentarem as suas famílias.

Felix (2018) afirma o seguinte:

a venda ambulante, por suas expressões na realidade de Luanda, é um marco na cultura angolana e revelação da questão social pautada na luta de enormes contingentes populacionais pela sobrevivência. Ela é aqui referenciada como zunga, termo da língua nacional *kimbundu* (*okuzunga*) utilizado para adjetivar o ato de zungar, que de acordo com Ribas1 (2009, p. 340) significa rodar, girar, ou deambular, identificada como sinónimo de venda ambulante, sendo que zungar equivale a vender pelas ruas; revelado por seus sujeitos como trabalho no sentido daquela atividade de comércio ambulante, realizada por uma pessoa que vive da zunga e zunga para viver (FELIX, 2018, n.p.)

As *zungueiras* para André (2022) é uma das personagens que caracterizam o comércio informal em Luanda e a atividade da prática da zunga ela surge como produto das práticas das quitandeiras no período pós-colonial. E a pesar de ser uma atividade praticada maioritariamente por mulheres nos dias atuais na cidade de Luanda já podemos encontrar homens *zungueiros* tendo em conta o número elevado de desemprego no país. Assim sendo podemos perceber que atividade da zunga não é de hoje.

Segundo Santos podemos perceber que:

[...] elas circulam entre a invisibilidade social e a presença física e paisagística nas ruas de Luanda, entre a legitimidade social da luta pela sobrevivência e a legalidade jurídica, entre os musseques e a baixa da cidade, entre a riqueza, a ostentação dos poderosos e as carências cotidianas da maioria da população. Elas são as intermediárias, ocupando um entre-lugar (BHABHA, 1997), enquanto construíram um novo lugar da cultura, um espaço de negociação, contato e interação entre grupos e indivíduos diferentes (SANTOS, 2010, p. 99).

Para Ferraz (2023) muitas mulheres praticam a atividade da *zunga* por falta de escolaridade e escassez de emprego, ou seja, elas têm a zunga como uma forma de sustentarem as suas famílias. Elas caminham em várias ruas da cidade de Luanda vendendo suas mercadorias e gritando, e os seus negócios elas compram no supermercado, armazéns e também nos grandes mercados informais, elas vendem produtos diversificados como peixes, chinelas, gelados, arroz, fubá, tomate, carnes diversos tipos de frutas entre outros.

Durante o percurso de venda as *zungueiras* procuram algumas técnicas de atrair os clientes, como explicando a funcionalidade ou os benefícios do produto à venda. De acordo com André (2022) O sucesso da venda das *zungueiras* depende da interação que a mesma vai ter com os clientes, elas usam as músicas rimadas para chamar atenção do público alvo).

Ainda para André (2022) atividade da zunga apesar de ser bem recebida pela população maioritária da renda baixa e as mulheres que praticam a venda ambulante serem consideradas mulheres fortes, guerreiras e empoderadas encontra partida elas também são consideradas como mulheres que marginalizam a venda ambulante na cidade de Luanda e isto têm levados os agentes da polícia nacional a cometerem o ato de violência e estes problemas têm sido motivos de notícias constantes na Tv, jornais, rádios e atualmente nas redes sociais.

Podemos ler em Monteiro (2012),

[...] um bebé de poucos meses morreu na quinta-feira, 24, no bairro de São Paulo, município do, Sambizanga, após ter sido atingido com um porrete, arremessado por um inspector, de três estrelas, da Polícia Nacional, conhecido por mau. Segundo testemunhas, a criança, que estava às costas da progenitora, teve morte imediata, ao ser acertada pelo bastão quando mau tentava bater na mãe, cujo nome não foi possível apurar. Após a tragédia, as zungueiras foram apossadas de um sentimento de revolta e proferiram palavras hostis e de repúdio contra os agentes da corporação. O cenário de todos os dias na zona de São Paulo é de efetivos da polícia e da fiscalização a perseguirem os vendedores ambulantes, apreendendo-os e os respectivos artigos (REPORTAGEM DO SEMANÁRIO ANGOLENSE APUD MONTEIRO, 2012, p. 97).

Podemos perceber que diante disto não apenas as zungueiras têm sofridos consequências pela venda desordenada, mas os seus filhos também acabam saindo machucados nesta tentativa de as mães fugirem dos fiscais. Para Gomes, (2018) As vendedoras acabam saindo feridas, deficientes ou até mesmo morrem, mas os culpados não são responsabilizados criminalmente.

No dia 22 de maio de 2023 constatou-se uma agitação na cidade de Luanda, as mulheres vendedoras ambulantes (zungueiras) saíram às ruas para manifestarem-se juntos do Governo provincial de Luanda e do Palácio da Justiça, elas mostraram os seus descontentamentos porque foi cerrado a venda ambulante na cidade, elas se manifestavam com cânticos, palavras de ordem. E pareceu uma ordem do governo de Luanda para proibição de vendas desordenada, os policiais afirmaram para estas mulheres que foi uma ordem das autoridades nacionais de manter os armazéns do mercado do São Paulo encerrados por 90 dias para que as zungueiras não tenham onde adquirir os seus negócios.

E podemos perceber que nesta decisão tomada as zungueiras não seriam as únicas prejudicadas, os donos dos respectivos armazéns também sairiam a perder a população que adquirem alguns bens ou sejam que comprem o negócio destas mulheres também sairiam prejudicados.

Segundo o jornal9 de Angola, o Governo Provincial de Luanda (GPL) apelou, na segunda-feira, dia 22 de maio de 2023, num comunicado, aos comerciantes e públicos em geral, à compreensão, colaboração e obediência às orientações da fiscalização presente nas avenidas Cônego Manuel das Neves e Ngola Kiluanje.

E este apelo só surgiu por conta da manifestação que as *zungueiras* fizeram, podemos perceber que o governo não se posicionou antes, porque os mesmos afirmaram que o “Governo

⁹<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/gpl-apela-comerciantes-a-colaborar-com-reordenamento-nas-av-conego-manuel-das-neves-e-ngola-kiluanje/>.

Provincial de Luanda, na sequência do cronograma, e findo o processo de sensibilização e cadastramento, das zungueiras nos municípios de Luanda e do Cazenga iniciaram, domingo, 21 de maio de 2023(Jornal de Angola)”. Se o processo de cadastramento começou apenas no dia 21 porque que no dia 22 estavam já a tirarem o direito de venda as zungueiras?

6 CONCETUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

De acordo com Robert (1993) apud Crettiez (2009, p. 10), “uma definição coerente da violência a classifica como um ato de coerção dolorosamente experimentado que visa agir sobre alguém ou fazer com quem aja contra sua vontade por meio da força, ou da intimidação”. Crettiez apresenta a concepção de Robert, mas como uma definição insuficiente porque exclui alguns elementos que compõem o ato da violência, ou seja, esta definição apresenta elementos muito subjetivos da violência, pois a violência não é apenas coercitiva, ela também é uma pulsão que pode ter por finalidade a expressão de ódio e sentimento negativo.

A violência foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) como o uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico.

Já Priotto e Boneti (2009) apresentam a concepção da violência como um conceito muito amplo, onde eles afirmam o seguinte:

[...] considera-se bastante amplo o próprio conceito de violência, fenômeno esse presente em todas as sociedades. É um fenômeno inerente à vida humana que permeia historicamente a vida social e só pode ser explicado a partir de determinações culturais, políticas, econômicas e psicossociais, intrínsecas às sociedades humanas (PRIOTTO; BONETI 2009, p. 162).

Podemos perceber a partir da ideia destes autores que nenhuma sociedade é livre dos atos de violência, pois a violência ela acontece de diversas formas, ela não é apenas física. Para Arend (2009) a violência tem caráter instrumental e a dominação e a obediência é construída pela coerção, dessa forma, o domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido.

De acordo com Arend (2009), existe uma diferença entre a violência e o poder, e ambos estão intrinsecamente ligados, mas o poder é que predomina a violência; o poder não é marcado de

um sujeito apenas, mas forma-se com o povo, ou seja, o poder é a capacidade um grupo diferente da violência que acontece não necessariamente de uma forma coletiva e para existir a violência precisa de um determinado motivo já o poder ele necessita ser apenas legítimo. Segundo Arend (2009, p.63) “a violência tem caráter instrumental e a dominação e a obediência são construídas pela coerção, dessa forma, o domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido”.

E podemos compreender a partir das ideias de Arend (2009) que quem tem autoridade não necessita de usar a violência, mas sim o diálogo, isto é uma questão que deve existir sempre entre os policiais e as vendedoras ambulantes. E podemos compreender a partir dos pensamentos da Arend que a violência se instala em uma dada sociedade quando existe uma fragilidade dentro do poder, onde existem guerras, preconceitos, regimes totalitários.

Podemos perceber que a Violência significa o emprego da força ou da dominação sem legitimidade, isto é, na impossibilidade do conflito e da resistência. Misse (2016) que apresenta uma concepção de violência como uma palavra que ganhou vários significados na época moderna, mas a mesma não resiste ao seu emprego usual possui duas características que não se modificaram ao longo do tempo que é a força e o poder.

Misse, (2016) ainda afirma que estas duas características concernem, portanto, como se usa e contra quem se usa um dos tópicos mais importantes da teoria social clássica até agora? Segundo a percepção do autor, a violência aparece na teoria social clássica já há muito tempo com os acontecimentos como guerras, a criminalidade, terrorismo e violências políticas E ``Karl Marx, no Manifesto comunista (Marx E Engels, 1998, 1848), a havia considerado como “parteira da história”.

Misse (2016) vai questionar como a violência nos últimos anos não se tornou Max Weber a tivesse em alta conta em seu conceito do Estado moderno. Karl Marx e Weber surgem com estas questões de modo analisarem as situações da violência na teoria clássica. Mas encontra partida ela só passou a ganhar novos procedimentos há 20 anos atrás.

6.1 Tipologia da violência

A violência ela é classificada de várias formas e pode ser individual ou coletiva Crettiez (2009) apresenta a classificação da violência em: violência simbólica e violência física, já Priotto

e Boneti (2009) vão trazer uma classificação tipológica bem mais abrangente onde eles afirmam que as características e formas de apresentação de violência são: violência doméstica, política, policial, religiosa, criminal, simbólica, nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra o jovem, a criança, a mulher, o idoso, o portador de necessidades especiais, o afrodescendente, o homossexual, entre outras.

Ainda segundo o Centro estadual de vigilância em Saúde (CEVS,¹⁰) apresenta a tipologia da violência segundo a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) que apresenta três tipos que: violência Autoprovocada/Auto Infligida, Violência Interpessoal - Violência doméstica/intrafamiliar e Violência Interpessoal - Violência extrafamiliar/comunitária. A (OMS, 2019) define estes tipos de violência como:

“Violência Autoprovocada/Auto Infligida como uma violência que compreende ideação suicida, autoagressões, tentativas de suicídio e suicídios (OMS, 2019).

“Violência Interpessoal-doméstica/intrafamiliar: Considera-se violência doméstica/intrafamiliar a que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente” (OMS, 2019)

“Violência Interpessoal- Violência extrafamiliar/comunitária: A violência extrafamiliar/comunitária é definida como aquela que ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos ou desconhecidos” (OMS, 2019).

“Violência Física: São atos violentos, nos quais se fez uso da força física de forma intencional, não-acidental, visando ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo” (OMS, 2019).

Violência Simbólica, para Bourdieu (1998) violência simbólica, é vista como a forma de coerção que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. Ou seja, podemos perceber que para Bourdieu a violência simbólica é uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta.

Segundo a percepção de Crettiez (2009) podemos perceber que para Bourdieu a violência simbólica ela procura fazer uma crítica na ordem social, ele ainda apresenta que,

Bourdieu afirmam o papel perverso da escola ou da mídia na reprodução da desigualdade e na difusão dos mecanismos de violência simbólica. Entre tanto, alguns autores poderão

¹⁰ <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>

mostrar que essa mesma escola (sociólogos desconstrutivistas são a prova viva disto) ou a mídia podem às vezes fornecer as armas intelectuais necessárias a libertação, assim os instrumentos da violência simbólica torna-se-ias meios de lutas contra está mesma violência! Grosso modo de definir o Estado através de seu “monopólio da violência simbólica legítima” Bourdieu tende a confundir a legalidade e legitimidade, esquecendo que a menos da democracia, estado define o que é legal quando a sociedade define o que é legítimo (CRETTEZ 2009, p. 14 e 15).

A partir das ideias apresentadas pelo Crettiez (2009) percebemos como o estado legitima a violência cometida por eles que é considerado uma violência legal sem nenhuma punição, porque o mesmo tem o poder de controlar e dominar a população.

E podemos perceber que a violência que estamos a retratar no nosso trabalho ela pode ser caracterizada como uma violência policial, física e contra a mulher porque maior parte das vendas ambulantes em Luanda é feita pelas mulheres. E segundo a classificação da OMS podemos considerar como uma violência Interpessoal.

7 A VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA AS VENDEDORAS AMBULANTES (ZUNGUEIRAS) EM ANGOLA

De acordo com Tosi (2017) a violência contra mulher é bem presente no espaço familiares, ou seja, a violência designada como violência doméstica. Segundo Tosi (2017, p.138) define “a violência contra a mulher, principalmente a praticada em ambiente familiar, se caracteriza por fazer com que os danos físicos, os danos psicológicos e a vida sob o medo possam ser traduzidos como privação da liberdade e perda de autonomia”.

Em contrapartida, saindo do contexto que é bem comum acontecer em nossa sociedade a violência doméstica, vamos retratar da violência policial contra mulheres zungueiras, este tipo de violência cometida na rua. Como podemos perceber a partir da ideia de Tosi (2017, p. 139) “a violência física e emocional vem sempre acompanhada de agressões, humilhações, espancamentos e alcança situações de morte. Mas a violência contra a mulher não para por aí”. Assim sendo podemos constatar que as *zungueiras* passam por vários tipos de violência que até certo ponto acaba levando a vida destas mulheres.

A violência policial é olhada pela sociedade como uma violência estruturada onde é usado muito a força de poder. (Misse 2016) vai trazer alguns questionamentos importantes que é a

maneira que a violência é olhada em diferentes formas. Todas as formas de violência são equivalentes ou não? Estruturas de violência equivalem à violência individual? Há violência justa e violência injusta, assim como se pode discutir se há guerras justas e guerras injustas, como fez Michael Walzer? Estes questionamentos só vêm surgindo pela forma em que a violência policial é tida como uma violência justa, mas a violência individual é criminalizada.

Por exemplo, em Luanda (Angola) é bem comum os policiais cometerem abuso, agressão contra as vendedoras ambulantes e muitas destas mulheres ao irem vender vão com os seus bebês e algumas são grávidas e os policiais sem piedade chegam, batem, recebem as mercadorias sem se importar com o psicológico destas mulheres que apenas saíram de casa para procurarem os seus sustentos. E este é um crime que acontece quase todos dias.

O anuário brasileiro de segurança traz várias questões de violência que podemos associar com os casos de violência em Angola, nos capítulos 10 e 12 vão apresentar os principais problemas e questionamentos sobre a violência que são violências cometidas no nosso cotidiano temos o caso dos problemas de violência cometidos contra menores, os maus tratos, o estupro, o abandono de incapaz e material, exploração sexual, e temos também os principais problemas de violência que as mulheres passam só pelo fato de serem mulheres, como caso da violência sexual, violência doméstica, violência física, moral e psicológica, e podemos perceber que estes problemas têm aumentado a cada dia que passa principalmente na época da pandemia notou-se um acréscimo no número de crime cometidos contra a mulher porque elas passaram a ficar mais tempo em casa com os seus agressores.

No caso de Angola não foge do mesmo contexto, na época da pandemia as perseguições contra as mulheres sejam dentro de casa onde é cometido a violência doméstica e seja nas ruas onde muitas das mulheres saiam para vender. O número de violência contra as *zungueiras* foram aumentando, ou seja, na época da pandemia as vendas ambulantes, sofreu muita decadência, como as dificuldades que as mulheres tiveram para conseguir o negócio, pois muitos armazéns encontravam-se fechados, e para os policiais fiscais passaram a olhar este momento como forma de atacarem massivamente as vendedoras ambulantes, como é o caso já explicado anteriormente sobre a *zungueiras* morta pelos policiais a Jovem de 28 anos Juliana Kafrique e está morte aconteceu em uma intervenção da polícia nacional, onde os mesmos criaram uma intervenção contra as *zungueiras* a tão chamada “Operação resgate”.

Vale ressaltar que este não é o único caso de morte contra *zungueira cometida* pelos policiais. Segundo o site de notícias de Angola DW ¹¹a “operação Resgate visa reforçar a autoridade do Estado em todos os domínios, reduzir os principais fatores que geraram desordem e insegurança, bem como os da violência urbana e da sinistralidade rodoviária, aperfeiçoar os mecanismos e instrumentos para a prevenção e combate à imigração ilegal, e proibir a venda de produtos não autorizados em mercados informais” Podemos notar que as *zungueiras* também foram abrangidas dentro desta operação que foi aumentando no número de violência cometido pelos polícias. Ainda neste site podemos destacar as falas de algumas mulheres *Zungueiras*:

A *zungueira* Conceição Manuel afirma o seguinte:

a queixa sobre os maltrato é reforçada à DW por Conceição Manuel, vendedora ambulante há 15 anos, na capital angolana. "Mesmo no dia dedicado para a venda, os fiscais correm conosco. Os fiscais levaram um negócio de 15 mil kwanzas (cerca de 20 euros). Fiquei detida e tive de pagar dez mil kwanzas (cerca de 13 euros) para ser solta e o negócio não foi devolvido. Só voltei a vender esta semana", conta a *zungueira*. (DW, 2020, np.).

Já a *zungueira* Deolinda Denis diz que:

o dinheiro da venda diária durante a quarentena servia apenas para a aquisição de bens alimentares. Essa situação causou a falência a muitas mulheres. “O negócio faliu muito. Você vende hoje e não vende no dia seguinte. O pouco que vai vender acaba todo com a compra de comida. Até ir comprar novamente, o dinheiro já não chega para o negócio. Mas estamos a contentar-nos mesmo assim", relata a vendedora. (DW, 2020, np)

Diante destes relatos podemos perceber como a violência policial acaba afetando psicologicamente, financeiramente estas mulheres, têm a venda como a única fonte de renda e situações como está é agravante porque o número de violência cometido pelos policiais está sempre aumentando, assim sendo é necessário se pensar em algumas possíveis soluções para resolução deste problema.

E também podemos ver em Telo (2021, p. 11) “é notório que a relação que os agentes fiscais têm com as *zungueiras* compreende abuso de poder, violência, intimidação, aplicação da lei pela força e outras incoerências que, no período da pandemia de Covid-19, se exacerbou. As mortes causadas pelos polícias multiplicaram-se”. A atividade da zunga já era mal vista, mas observamos que neste período da pandemia começou a ser mais ainda marginalizada pelo governo. E pensando

¹¹ <https://www.dw.com/pt-002/pandemia-de-covid-19-agrava-situa%C3%A7%C3%A3o-das-vendedoras-ambulantes-em-angola/a-54943154>

nos problemas sociais que a sociedade angolana passa, há necessidade de o governo se posicionar de uma melhor forma para a resolução destes problemas, porque na pandemia não se criou estratégias para que as famílias mais pobres tenham uma fonte de renda segura, e com intuito de não passarem por fome as *zungueiras* saíam para vender.

Para André (2022) É comum ver em noticiários que os agentes fiscais da PNA (Polícia Nacional de Angola) cometem agressões físicas e recebem os produtos das *zungueiras* para o seu benefício, ou seja, se constata um ato de corrupção por parte dos policiais como podemos constatar na fala das nossas entrevistadas.

A entrevistada Maria diz o seguinte:

os policiais têm recebido os nossos negócios, e às vezes temos que implorar muito para que o nosso negócio seja devolvido, eles chegam a nos roubar, porque para entregarem a nossa mercadoria de volta eles exigem que temos que pagar um valor estipulado, eles nos levam no carro, e batem e quando pagamos os valores para ter o negócio de volta já não vem certo as nossas mercadorias porque eles tiram uma parte que fica com eles. (Maria, 2023).

Já a outra entrevistada, Josefa, afirmou que:

Já presenciei muitas vezes os polícias a cometerem o ato de violência contra nós as zungueiras, mas muito antes eles antecipam que não podemos vender em lugar inapropriado que é na ponte, ao lado da estrada, tem carros que vêm com certa velocidade pode pancar uma das zungueiras e a culpa toda recai para os polícias, às vezes nós como zungueiras não chegamos a um acordo com os polícias, mas se nós zungueiras fizemos isso é por falta de lugares dentro do mercado para comercializarmos os nossos negócios (Josefa, 2023).

Segundo (André, 2022. p. 13) “A Human Rights Watch¹² condenou a postura de agentes da Política Nacional, a partir de relatório em que documenta e expõe exemplos de violência e brutalidade por agentes oficiais, sofridas pelas *zungueiras*”.

Realmente é condenável o ato de violência contra as *zungueiras*, mas encontra partida elas têm que entender que existem os locais apropriados para se fazer a venda, mas como ouvimos o relato das nossas entrevistadas é que elas estão conscientes que não vendem no local apropriado, mas a falta de emprego é um dos fatores que os levam a continuarem na venda ambulante e a falta

¹² A Human Rights Watch é uma organização internacional não governamental que defende e realiza pesquisas sobre os direitos humanos

de outras alternativas para que elas sustentam às suas famílias os levam a enfrentarem sempre os policiais.

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em conta os objetivos e metodologia traçadas para a nossa pesquisa, buscamos responder às inquietações sobre a violência policial em Angola por intermédio dos artigos já publicados, livros, revista, jornais e para melhor embasamento buscamos entrevistar, as *Zungueiras* de modo a dar mais clareza ao nosso problema de pesquisa.

Assim sendo, entrevistamos 10 *zungueiras*. Por intermédio da distância, não tendo condições para fazer uma entrevista presencial, a nossa entrevista realizou-se por intermédio de ligação pelo WhatsApp, e as zungueiras entrevistadas foram localizadas em alguns mercados de Luanda, como mercado dos kwanzas, Kicolo, e Hoji-ya Henda. No quadro a baixo apresentamos as características das participantes:

Nome (fictício)	Idade	Nível escolar	Estado Civil	Nº de filhos	Tempo de zunga	Local onde vive	Os bairros onde vendem	Já passou pelo ato de violência?
Maria	21	10ª classe	União de fato	1	2 anos	Boa esperança	Cacuaco e Zango	Apenas presenciou
Josefa	34	7ª classe	Solteira	0	5 anos	Boa esperança	Kwanza, kikolo, vila de Cacuaco	Já passou
Marta	24	12ª classe	Solteira	0	7 anos	Boa esperança	Cacuaco e kwanza	Já passou
Sônia	28	8ª classe	União de fato	2	6 anos	Sonangol	Kwanza	Já passou
Beatriz	32	5ª classe	União de fato	4	10 anos	Sonangol	Kwanza e congolense	Já passou
Solange	34	9ª classe	União de fato	3	7 anos	Cacuaco	Kicolo, Kwanza	Já passou
Débora	24	7ª classe	União de fato	2	10 anos	Cazenga	Kwanza, Hoji-ya henda	Já passou
Vitória	43	12ª classe	União de fato	5	20 anos	Cazenga	Hoji-ya henda, São Paulo.	Já passou
Rita	40	4ª classe	União de fato	4	16 anos	Cacuaco	Cacuaco, kikolo	Já passou
Joaquina	36	3ª classe	União de fato	3	9 anos	Cacuaco	Zango	Apenas presenciou

Fonte: Elaborado pela autora

O presente quadro apresenta as características das nossas entrevistadas, que todas são do sexo feminino, procuramos saber o nome, a idade que varia dos 21 a 45 anos, o estado civil, a maioria mostrou que vivem apenas de união de fato, e têm filhos encontramos duas solteiras que não têm filho. Quanto ao nível de escolaridade podemos notar uma grande variação entre 3^a classe a 12^a classe, apenas duas que mostraram não saberem ler. No que se refere o tempo da zunga variam entre dois (2) a vinte (20) anos.

Relativamente aos bairros onde vendem, muitas delas apresentaram que não têm apenas um bairro para fazerem as suas vendas, ou seja, elas se deslocam a pé de um bairro para outro para poderem zungar. Quando questionamos para as zungueiras quais são os motivos que te levaram a prática da zunga? Recebemos as seguintes respostas:

Para Maria, *“eu vendo pela falta de trabalho e também pelas circunstâncias da vida ela não tem apoio por parte dos familiares porque fez filho muito cedo e como forma de dar o sustento na sua família recorreu à zunga como uma forma de sobreviver”* (Maria, 2023)

Já na visão da Joaquina, destaca que: *“Hoje em dia as coisas no nosso país estão muito difíceis, e infelizmente não dá certo depender apenas do meu parceiro, então eu vendo com intuito de poder ajudar a minha família”* (Joaquina, 2023).

Mediante a fala acima, Débora assevera que: *“eu vendo por não estar completamente formada e o governo não consegue apoiar financeiramente a partir das oportunidades de trabalho, por isso é que ela está nas ruas a vender mesmo sendo massacrada, e corrida pelos policiais que recebem o negócio e deitam, então ela está apenas aí como forma de sustentar a sua família”* (Débora, 2023)

Ainda, Rita acredita que: *“a crise econômica é um dos motivos que faz ela praticar a atividade da zunga e outros fatores econômicos que tem afetado as famílias em Angola, e também como forma de ajudar o seu marido a dar o sustento de casa porque esperar o salário no final do mês às vezes não ajuda muito”* (Rita, 2023).

Por fim, a Solange respondeu que: *“um dos motivos que fez com que ela começar a praticar a atividade da zunga é a fome, pois a mesma vê a zunga como uma forma de procurar o pão de cada dia e os produtos da cesta básica estão sempre a subir”* (Solange, 2023).

E as outras 5 participantes apontaram apenas a falta de emprego como um dos motivos que lhes levaram a praticarem a atividade da zunga. Assim sendo percebemos os reais motivos que levam estas mulheres a exercerem as atividades da *zunga*, embora que as suas narrativas não são semelhantes, porque cada uma apresenta a sua história de vida, mas encontramos alguns aspectos comuns nas falas destas *zungueiras* como podemos ler em André e Luz (2022):

O exercício da zunga, cujos motivos subjacentes são a pobreza e a ausência de oportunidades de emprego, revela uma luta que impõe sua análise como um fator social estrutural, inerente à economia do país e à baixa taxa de empregabilidade. Desta forma, perante leis e ações que se caracterizam por reprimir a venda ambulante, é necessário considerar políticas públicas inconcludentes, que visem proteger, constituir ou melhorar as condições de trabalho destas mulheres, tendo, como horizonte, sua formalização. (ANDRÉ; LUZ 2022). **Falta pagina**

Com base nas respostas obtida pelas nossas participantes e segundo a visão do André e Luz (2022) percebemos que a atividade da zunga é exercida por fatores como ausência de oportunidade de emprego, o nível elevado da pobreza e o baixo nível escolar que estas mulheres apresentam.

Em relação à pergunta, quais são as dificuldades que tu enfrentas durante o teu percurso da venda? Obtivemos as seguintes respostas:

Entrevistada Maria: *Corrida que os policias dão, estamos a sofrer com os polícias, não estamos ver sitio para vender, por exemplo, no mercado do São Paulo não conseguimos vender lá porque estão a bater as zungueiras e levarem os negócios, estamos a sofrer muito ainda mais a comida subiu. (Maria, 2023).*

Entrevistada Beatriz: *As dificuldades que eu enfrento é que há muitas corridas, às vezes mesmo espancam as zungueiras, os atritos com os polícias e não há compreensão. (Beatriz, 2023).*

Entrevistada Sônia: *As dificuldades são muitas como os policias darem corrida, podemos ser atropeladas e perder o dinheiro da venda que já é pouco você compra com 5 mil kwanzas e se beneficia apenas com 2000 kwanza, mas eles ainda pegam este dinheiro, recebem o negócio, ainda te batem é muito complicado e nós só estamos aí para conseguir pelo menos 2000 kz para dar de comer os nossos filhos, mas os policias ainda acham motivos para nos derem corrida e receberem as nossas mercadorias. É muito complicado porque aqui no nosso país vivemos com*

muitos maltrato porque não temos trabalho eficaz, o problema deles é só receberem o negócio sem se importarem se vais comer, o mais importante para eles é só receberem o negócio e te baterem e é isso que vivemos no nosso dia-a-dia (Sônia, 2023).

Entrevistada Rita: São várias dificuldades enfrentadas durante a venda, como o transporte, os ladrões na via, a polícia que estão sempre nos repreender e a bater, às vezes a venda não vai bem, o salário dos clientes que às vezes atrasa, principalmente no meio do mês encontramos muitas dificuldades são dificuldades que não tem uma definição exata porque variam (Rita, 2023).

Entrevistada Vitória: As dificuldades que eu enfrento primeiramente são os bandidos por conta da hora que eu saio de casa para circular pela rua, e os polícias que nos repreendem sempre e o medo de perder o negócio, porque os polícias além de darem corrida e baterem também recebem os negócios e quando recebem já não entregam mais, você pode recorrer para ter a mercadoria de volta alguns pedem o dinheiro para darem a mercadoria de volta e alguns até nem pedem e eles às vezes levam negócio de muito dinheiro e você perde todo o dinheiro e para recuperar o dinheiro de volta é muito difícil, às vezes temos que ficar muito tempo em casa sem vender por conta do negócio recebido pelos policiais (Vitória, 2023).

Entrevistada Marta: As dificuldades que eu encontro é mais dos polícias, normalmente eles nos complicam devido ao espaço de venda, eles chegam nos repreendem sem maneira, batem e levam as nossas mercadorias e alguns chegam mesmo a matar como temos exemplos de várias nossas colegas que foram mortas pelos polícias (Marta, 2023).

As restantes 4 participantes apresentam as corridas constantes e os maltrato dos policiais como maior dificuldade encarada durante o percurso de venda.

Por intermédio das falas das entrevistadas acabamos de perceber quais são as maiores dificuldades enfrentadas durante os seus percursos de venda, embora narrativas diferentes, mas todas elas acabaram de apresentar a violência policial como uma das principais dificuldades encontradas todos os dias que as mesmas saem de casa para vender porque elas estão sempre em constante confronto com os polícias. Como apontam o relatório da organização não governamental Human Rights Watch, (2013).

agentes da polícia e fiscais do governo têm efetuado operações conjuntas contra os vendedores ambulantes por toda a cidade, frequentemente espancando vendedores e vendedoras, incluindo grávidas e mulheres com bebês às costas. A polícia e os fiscais também apreendem bens, extorquem subornos, fazem ameaças de detenção e, em alguns casos, detêm os vendedores ambulantes regularmente durante as rusgas (HRW, 2013).

Ainda no que se refere as dificuldades encontradas na *zunga*, elas apresentam a falta de clientes em certos dias, principalmente no meio do mês em que muitos clientes que dependem do salário já não têm dinheiro. Uma das dificuldades tem sido também o encontro com os marginais que podem chegar e roubar as mercadorias ou o dinheiro, a falta de transporte para poderem se deslocarem de um bairro para outro, ou seja elas têm que caminhar vários quilômetros para venderem.

Algumas delas chegaram a reconhecer que o ato que elas fazem de venderem em locais inapropriados é errado, mas como justificativa dos seus atos apresentaram a falta de emprego como um dos maiores fatores que lhes faz recorrerem na *zunga*, e também disseram que o governo quer tirar elas da *zunga*, mas não garantem um local próprio e adequado para fazerem as vendas. As *zungueiras* ainda mostram a *zunga* como uma forma de terem dinheiro todos os dias porque depender do salário do marido que chega apenas no final do mês acaba sendo muito complicado.

As *zungueiras* também mostraram que para venderem em um local apropriado existem muitas burocracias para poderem adquirir um determinado espaço, e também tem a questão de pagarem o imposto de renda, elas afirmam que o dinheiro que conseguem às vezes só chega para poderem comprar o jantar para família e tirar mais alguma parte para pagarem o imposto complica.

E elas apresentam também a *zunga* como uma forma de venderem rapidamente as suas mercadorias porque quem vende dentro do mercado, neste caso as *quitandeiras* elas esperam os clientes chegarem até ao seu encontro, diferente das *zungueiras* que vão atrás dos clientes, porque segundo elas existem clientes que quando saem do trabalho ficam com pressa de poderem voltar em casa e entrar mais no mercado acaba lhes atrasando e comprando nas *zungueiras* fica mais fácil e rápido.

Questionamos para as *zungueiras* qual é a relação que as mesmas têm com os agentes da Polícia?

Entrevistada Maria: *É difícil ter uma boa relação com os policiais pela forma que eles nos tratam, é muito complicado ter boa relação porque eu mostro ser boa com eles, mas eles não mostram o mesmo.*

Entrevistada Josefa: *Este é um ponto muito difícil porque infelizmente os policiais não respeitam as zungueiras quando nos encontram a vender querem nos bater e deitar o nosso negócio. Há dois meses tem uma colega vendia e policia chegou dar corrida para ela e ao fugir passando do outro lado da estrada ela foi atropelada e deslocou os pés e o policia não se responsabilizou no momento disse que iria se responsabilizar, mas no hospital acabou de abandonar a colega.*

Entrevistada Marta, *a nossa relação não é boa porque nos tratam mal e bicam os nossos negócios.*

Entrevistada Sônia: *Não há uma boa compreensão entre nós e os policia, porque certa das vezes eles chegam avisar, não vendem na pedonal, não vendem nas estradas, às vezes é para o nosso próprio bem porque o lugar de venda é no mercado, mas nós não vendemos no mercado, e permanecemos nestes locais porque há mais rendimento e concorrência.*

Entrevistada Rita: *Ainda existe aqueles policia de boa-fé que às vezes atenuam chegam, conversar educadamente e intendem as dificuldades da vida que nós zungueiras passamos, mas alguns são mesmo malandros, chegam até ao ponto de brigarem muito conosco as zungueiras. Em parte, os policia têm razão em nos repreender, mas o problema é a falta de emprego que nos faz permanecer na zunga*

As restantes 5 participantes responderam apenas que não existe uma boa relação entre os policia e elas.

Sobre a relação das *zungueiras* com os policiais as entrevistadas mostraram que é impossível terem uma relação amigável os entre ambos porque não tem como elas se darem bem com alguém que sempre quer lés fazer mal, algumas mostraram que tem alguns agentes da policia mais compreensível que chegam e repreendem-nas de uma boa forma, mas maiores partes deles só chegam, batem e recebem/confiscam as mercadorias.

Para André e Luz (2022, p. 13) “noticia-se, também, que agentes fiscais do Governo da Província de Luanda e da Polícia Nacional cometem, diariamente, atos de violência, agressões físicas, destruição de produtos e tentativas de corrupção”.

Quando André e Luz apontam a tentativa de corrupção podemos associar com as falas das entrevistadas onde as mesmas relatam que os policiais têm recebido as suas mercadorias, mas para terem o negócio de volta eles estipulam uns valores para poderem fazer a devolução, mas quando elas pagam e recebem as mercadorias de volta os produtos não vêm certo, porque alguns destes policiais procuram venderem as mercadorias em um preço mais baixo outros mesmos chegam a levar em suas casas.

Ainda podemos ler em Monteiro (2012);

é necessário reafirmar que os percursos que levam a confluência de experiências de trabalho ambulante jamais se mostram naturalmente, como se houvesse uma predisposição para tal. Eles decorrem uma prática construída em um cotidiano massacrante, que à primeira vista poderia ser fatores de desmotivação, na medida que os seus produtos são muitas vezes usurpados ou levados pelos fiscais (MONTEIRO, 2012, p. 143).

Desta feita percebemos que as *zungueiras* mesmo enfrentando situações de violência, em que os policiais batem e recebem as suas mercadorias, elas não se sentem desmotivadas para deixarem de fazer as suas vendas pelas responsabilidades de cuidar e sustentarem as suas famílias e por ser a única fonte de renda para algumas *zungueiras*.

Quanto a questão feita pelas *zungueiras* se já alguma vez passaram pelo ato de violência policial? Se sim conta como foi? Recebemos as seguintes respostas:

No que se refere a violência policial cometida contra as *zungueiras*, das 10 entrevistadas, apenas duas apresentaram nunca terem passado pela violência física porque as mesmas sempre ficaram atentas para fugirem dos policiais, de modo não serem espancadas ou receberem as suas mercadorias, mas, elas contaram que já presenciaram as suas colegas passarem pelo ato da violência,

Entrevistada Maria: *Eu já me deram corrida, sim, mas nunca me bateram nos policiais, mas já presencie a minha colega sendo agredida pelos policiais, eles bicaram a minha colega e lhe deram com porrete, mas antes eles anteciparam para nós não vendermos ao lado da estrada porque não é um local adequado, pode vir carros com certa velocidade e pode pancar algumas zungueiras.*

Já a Joaquina relatou o seguinte. Eu nunca fui espancada, mas já presenciei várias vezes o ato de agressão contra as minhas colegas, era uma vez no mercado do Hoji-ya henda onde os policia brigavam com uma zungueira grávida, bateram nela e ainda receberam o seu negócio e

também já presenciaram uma colega sendo morta pelos policiais no Rocha pinto e inclusive esta notícia é foi reportada na Televisão Pública de Angola (TPA).

Das nossas entrevistadas, 8 mostraram que já passaram pelo ato da violência em que os policiais chegam lhes tratam mal, bicam o negócio como se fosse lixo.

Entrevistada Josefa: *Isso já aconteceu comigo porque eu não vendo só no mercado dos kwanzas, vendo também na vila de Cacuaco já estavam prestes me atropelar devido à corrida dos policiais, eles chegaram e levaram o meu negócio sem se preocuparem em saber se fui atropelada ou não, mas acontece que perdi o negócio e não perdi a vida.*

Entrevistada Debora *Eu já passei pelo ato da violência policial e na altura eu vendia no mercado dos congolezes os policiais chegaram e me baterem com porrete das partes e depois chegaram de levar o meu negócio, tive que dar dinheiro para darem o meu negócio de volta, eles fazem negócio com as zungueiras porque muitos deles recebem e já não entregam o negócio e se entregarem não vem certo eles roubam.*

Assim como apresentamos o depoimento da Josefa e Débora das outras entrevistadas não foge do mesmo teor, elas afirmam dizendo que se hoje continuam em vida é graças a Deus porque é muito sofrimento que elas encaram todos os dias os policiais dão corrida e quando lhes agarram les batem e às vezes não conseguem voltar a vender porque acabam saindo machucadas.

Perdem o negócio, têm que ficar um tempo paradas em casa para conseguirem outro dinheiro para retornarem à venda, e quando regressam é sempre com aquela preocupação de falecerem ou perderem o negócio. As *zungueiras* demonstram uma certa preocupação das agressões, maltrato e corrupção que encontra durante o percurso de venda.

E percebemos também que os responsáveis pelos, maltrato das *zungueiras* não assumem com as suas consequências, os casos de violência policial contra as *zungueiras* simplesmente são abafadas, algumas afirmaram nos seus depoimentos que quando um policial bate nelas e elas saem feridas, as polícias simplesmente no momento afirma que vai assumir pagando as despesas e a medicação, mas quando o responsável pelo ato leva a *zungueira* para ser tratada no hospital simplesmente foge sem ter que se responsabilizar pelos seus atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter feito a nossa pesquisa conclui-se que maior parte do comércio informal em Luanda é protagonizada pelas vendedoras ambulantes *zungueiras*, que seu trabalho é bem marginalizado pelas autoridades da cidade capital de Luanda. Mas percebemos que por falta de oportunidade de emprego, estas mulheres usam a *zunga* como uma forma de sustentarem as suas famílias, e um dos motivos também que faz elas permanecerem na *zunga* mesmo sendo repreendidas pelos policiais é o nível elevado de pobreza e por não terem mais outras fontes de renda e também por não ter espaço suficiente para todas as vendedoras dentro dos mercados de Luanda.

E constatamos que o vender na *zunga* acaba tendo mais vantagens para estas mulheres porque elas é que vão atrás dos clientes e acabam de vender as suas mercadorias mais rápidas, e só pelo fato das *zungueiras* não pagarem o imposto de renda é um dos motivos que leva elas a permanecerem na *zunga*. Percebemos também que o Estado não tem criado políticas públicas para incluir as *zungueiras* dentro do comércio informal, e têm usado a força e a coerção para acabarem com as vendas ambulantes. As *zungueiras* apresentam a violência policial como uma das maiores dificuldades encontrada durante os seus percursos de venda. Elas têm noção de que vender nas ruas não é uma atitude correta, mas diariamente elas percorrem muitos quilômetros a pé com as suas mercadorias na cabeça, algumas grávidas, outras com os bebês e têm enfrentado vários obstáculos como a fuga dos policiais todos os dias para não arriscarem ser violentadas e perderem os seus negócios.

Assim sendo, a violência policial contra as *zungueiras* constitui-se de uma forma deliberada, onde os policiais usam as suas forças de poder para acabarem com as vendas desordenadas, na maior parte dos casos acontecem a partir dos ataques físicos, verbal e psicológica. A violência contra as *zungueiras* é um fenômeno muito ocorrente na sociedade angolana, é um problema baseado nas ações econômicas que tem levado a morte de muitas mulheres. Deste modo é importante que se pensa e se crie as políticas públicas de modo a ampliar os mercados informais para que todas as *zungueiras* tenha o acesso sem poderem passar por processos burocráticos. E é importante também que os policiais arranjam outra estratégia para poderem repreender as vendas desordenadas sem ter que cometerem a violência.

Por tanto, tendo em conta o número de mulheres que já passaram pelo ato da violência policial, e por ser uma situação que até agora acontece, percebe-se que ainda não há uma ordenação governamental que pudesse salvaguardar o interesse das mulheres *zungueiras*, que têm contribuído

bastante para o crescimento da economia, da cidade de Luanda, e também elas acabam de ganhar uma autonomia financeira.

REFERÊNCIAS

- ACKERMANN, Katia. **Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ADORNO, Sérgio. **Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea**. O que ler na ciência social brasileira, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92)**. Brasil, Companhia das Letras, 2014.
- COSTA, Felizardo Tchiengo Bartolomeu. **As dinâmicas psicossociais do trabalho das zungueiras angolanas**. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 11, n. 1, p. 3-19, 2020.
- CRETTEZ, Xavier et al. **Las formas de lá violencia**. Aires: Waldhuter, 2009.
- DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.
- DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.
- Gil, Antônio Carlos, and. C. **Métodos. "técnicas de pesquisa social."** *São Paulo, Editora Atlas* (2008).
- GOMES, Ana. **Quando se perde a vida fugindo dos fiscais**. O País, 15 abr. 2018.
- LAFER, C. **Introdução**. In: **ARENDT, H. Sobre a violência**. Trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009,

LOPES, Carlos M. **Comércio informal, transfronteiriço e transnacional: que articulações. Estudo de caso no mercado de S. Pedro (Huambo) e nos mercados dos Kwanza e Roque Santeiro (Luanda)**v. 13, p. 17, 2007.

LUZ, Vera Santana; ANDRÉ, Áurea Bianca Vasconcelos. Comércio informal, identidade e direito: o caso das zungueiras de Luanda. **Revista V! RUS**, v. 1, n. 23, 2021.

MACHADO, Eduardo Paes; NORONHA, Ceci Vilar. A polícia pobre: violência policial nas classes populares urbanas. **Sociologias**, p. 188-221, 2002.

MESQUITA NETO, Paulo. **Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle**. In: CIDADANIA, justiça e violência/ Organizadores Dulce Pandolfi...[et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.130-148

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 1103-1112, 2014.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.

MONTEIRO, Indira Lazarine Catoto. **Modo de vida e de trabalho das mulheres que zungam em Luanda. 2012**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola**. *Rev. Diálogo Educ.*, p. 161-179, 2009.

QUEIROZ, Laís Helena Custódio Rodrigues de. **Entre legados coloniais e agências: As zungueiras na produção do espaço urbano de Luanda**. 2017.

SILVA, Mara Eloise Caetano da et al. **O processo de inserção da mulher no mercado de trabalho angolano: estratégias, trajetórias e contextos socioprofissionais**. 2013. Dissertação de Mestrado.

TOSI, Lâmia Jorge SAADI. **A Banalização Da Violência E O Pensamento De Hannah Arendt: Um Debate Ou Um Combate?** *Revista LEVS*, v. 19, n. 19, 2017.